



## **Televisão e Dialogias Sociais: As Comunidades Periféricas nas Telenovelas Vidas Opostas da Record e Duas Caras da TV Globo<sup>1</sup>**

Nayara Klécia Oliveira LEITE<sup>2</sup>  
Virgínia Sá BARRETO<sup>3</sup>  
Universidade Federal da Paraíba

### **Resumo**

O presente trabalho busca compreender as estratégias discursivas com as quais a TV Globo e a TV Record constroem propostas de pactos simbólicos, configuram e produzem sentidos de comunidades periféricas respectivamente nas telenovelas Duas Caras e Vidas Opostas. Para esse fim, fundamentalmente, realizamos estudos sobre comunicação, televisão, comunidades periféricas, gênero, telenovela, propostas de pactos simbólicos e dialogias sociais. Essas reflexões se inserem na pesquisa ora em andamento no âmbito do Programa Institucional PIBIC-PIVIC-UFPB-CNPq com título “Culturas televisivas e dialogias sociais: configurações, pactos e sentidos de comunidades periféricas na TV.

**Palavras-chave:** Comunidades periféricas; televisão e telenovelas.

A televisão merece uma investigação aprofundada em razão da sua penetrabilidade na vida das pessoas. A pesquisa não está voltada para a análise da televisão como um todo e sim para as configurações e sentidos de comunidades periféricas em telenovelas.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na Divisão Temática de Comunicação Audiovisual (IJ 4), do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

<sup>2</sup> Orientanda bolsista do Programa Institucional de Iniciação Científica (PIBIC) na vigência 2009/2010; estudante de graduação 6º período do curso de Relações Públicas da UFPB, email: [nk\\_leite@hotmail.com](mailto:nk_leite@hotmail.com)

<sup>3</sup> Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), na área de concentração em processos midiáticos. Professora Orientadora do Projeto de PIBIC "Culturas televisivas e dialogias sociais: Configurações, pactos e sentidos de comunidades periféricas na TV", email: [virginiasabarreto@yahoo.com.br](mailto:virginiasabarreto@yahoo.com.br)



Muitos estudos foram e continuam sendo realizados na perspectiva de compreender melhor a telenovela e sua influência no contexto social. Para Motter (2004), a telenovela apresenta um aspecto paradoxal assim como a crônica e por isso não pode ser vista em uma única perspectiva como gênero simplesmente representado pelo sentimentalismo, pelo maniqueísmo, assim como também não podemos vê-la pelo seu lado sério, pois nesse caso haveria uma descaracterização desse gênero. Essa forma paradoxal em que as telenovelas são produzidas é que garante o estilo diversificado que acaba seduzindo o telespectador.

É através das histórias de ficção apresentadas nas telenovelas que o espectador tem a oportunidade de sair do seu espaço cotidiano e ingressar em outros espaços por meio da experiência mediada. As telenovelas tem buscado cada vez mais passar ao telespectador a idéia de realidade ao dramatizar aspectos sociais, isso no intuito de fazer com que os telespectadores se identifiquem com os ambientes retratados. É nesse sentido, em que as mesclas ou hibritizações de gêneros acontecessem.

Milly Buonanno *apoud* Andrade (2008) fala do conceito de “deslocamento da vida cotidiana” que corresponde à idéia de o ser humano se desligar da idéia de lugar em razão da possibilidade de transferência para outras situações ou lugares fisicamente distantes de sua realidade. Aqui podemos compreender a relação que se estabelece entre o telespectador e as histórias retratadas nas telenovelas, principalmente quando estas buscam de forma simbólica a constituição da realidade.

A televisão já vem inserindo o tema periferia em parte de suas produções, fato que creditamos à necessidade que tem essa mídia de construir comunidades midiáticas periféricas, ou comunidades simbólicas, de forma a capturar basicamente as comunidades periféricas reais para constituírem audiências de suas programações. (SÁ BARRETO, 2006). Nos inquietamos em compreender os mecanismos, as lógicas, os processos discursivos com as quais essas comunidades são configuradas em duas telenovelas das duas maiores emissoras comerciais do país que focam modos, digamos, opostos de configurar as comunidades periféricas.

Em matéria da Revista Continente Cultural sobre cultura periférica titulado: *A cultura da periferia* atentamos para o fato de quão disseminada essas manifestações culturais estão, a ponto de influenciar o dialeto e até mesmo o modo de se vestir dos jovens. Na mesma matéria o rapper MV Bill fala da exposição da periferia na mídia e de como se deve precaver essa exposição para que esta não se torne uma superexposição que acabe por vulgarizar a periferia. A mídia deve ser um meio usado em favor da



periferia como um espaço em que se pode demonstrar suas questões sem estereótipos. De acordo com o artigo de Carlos Haag, a cultura da periferia antes vivida apenas pelos moradores dessas comunidades desce o morro e invade as casas dos moradores dos centros urbanos e estreita as barreiras existentes entre centro e periferia. Não mais se tenta levar uma cultura para a favela, a favela agora se impõe e mostra para a sociedade a diversidade cultural existente nela. O centro recebe e aceita o funk, o rap e outras manifestações antes distantes da realidade de quem não vive em uma comunidade periférica.

A visualização que as comunidades periféricas atingem hoje em nossa sociedade tem proporcionado aos pesquisadores um leque de assuntos e novos aspectos relacionados a esse tema. A cultura da periferia, antes restrita às próprias comunidades até mesmo devido a certo preconceito existente em relação a elas, agora transformou-se em moda entre os jovens. Suas músicas são febre na TV, vários programas televisivos fazem questão de ter em seus repertórios um pouco de funk, hip hop, e outras variantes musicais, ou seja, deixou de ser uma cultura distante para se tornar instrumento de entretenimento e interação entre os jovens.

No que tange ao plano de trabalho titulado *Televisão e dialogias sociais: as comunidades periféricas nas telenovelas Vidas Opostas da Record e Duas Caras da TV Globo*, que operamos no Programa Institucional de Iniciação Científica da UFPB (PIBIC), podemos observar duas formas distintas de comunidades periféricas na ficção, o que dinamiza a pesquisa pelo fato de podermos analisar com base em referências comparativas (VERÓN, 1980) ambas as comunidades simbólicas. Em *Duas Caras* podemos observar uma configuração mais voltada para a idealização de uma periferia em que todos vivem em harmonia, em geral não há violência e todos podem encontrar segurança e proteção no amparo de seu líder Juvenal Antena. Já em *Vidas Opostas*, há o foco no aspecto conflitante da periferia, na violência e insegurança dos moradores.

O estudo sobre mídias é imprescindível para esta pesquisa que trata da mídia televisiva, em especial da telenovela, um produto televisivo que encanta por apresentar em sua produção uma mescla da narrativa real com a ficcional, do humor e drama, na busca pela representação do universo do cotidiano do telespectador. Não se pode esquecer, é claro, que além da sedução e da conseqüente audiência buscada pela televisão há também a transformação de imagens em mercadorias. Nesse contexto surge então essa necessidade de representar a periferia em telenovelas, como ocorrem no caso



das telenovelas *Duas caras e Vidas Opostas*, visto que a periferia tem se destacado e se transformado em algo lucrativo em vários aspectos da sociedade.

Apesar de a televisão ter uma forte influência sobre os telespectadores, no momento em que se percebe que esse telespectador ou receptor é capaz de ser crítico em relação ao que lhe é apresentado a tarefa que confere as telenovelas passa a ser ainda mais cuidadosa, com efeito busca apresentar ao telespectador um retrato de suas vidas por meio de aspectos ficcionais, o que caracteriza esse gênero e faz com nos envolvamos nas suas histórias.

Segundo Silverstone (2006), a mídia apresenta a capacidade de convencimento fazendo com que acreditemos naquilo que ela veicula. Estudos sobre esse processo de mediação e suas conseqüências são fundamentais em razão do espaço que a mídia alcança hoje em nossa sociedade. É importante que compreendamos a relevância da mídia televisiva no processo de configuração de certos produtos capazes de gerar modos de relações sociais.

Sodré argumenta sobre comunidade e explica que quanto mais forte é essa comunidade mais propensa a tensão e a violência ela está. Essa reflexão nos leva ao objeto de investigação da pesquisa, no caso as duas telenovelas e os conflitos encontrados nas duas configurações de comunidades que vão desde conflitos simples como conflitos familiares (que são mais freqüentes na favela da Portelinha da telenovela *Duas Caras*), até conflitos armados ocorridos no caso da favela do Torto de *Vidas Opostas*. Mas, especialmente, nos leva a pensar sobre as configurações de comunidades periféricas dessas duas telenovelas. Em *Vidas Opostas* os conflitos são mais explícitos, no caso de *Duas Caras* os conflitos são apaziguados por um líder, o Juvenal Antena, vivido pelo ator Antônio Fagundes.

A entrevista de Bentes (2007) nos permitiu uma reflexão interessante quando a autora demonstra que nesse espaço televisivo há um “contraditório” discurso sobre a periferia. Na dramaturgia, a autora diz que a TV retrata a “periferia legal”, o que pode ser observado na telenovela *Duas Caras* da TV Globo na representação da favela da Portelinha. Nesta telenovela, a periferia é caracterizada como um exemplo de uma comunidade, sem drogas, crimes, enquanto nos telejornais a periferia é retratada pelo “bandido” e percebida como a causa da criminalidade. No caso da ficção, como nos fala Bentes (2007), existe uma “maquilagem da fome”, uma certa glamurização da periferia, que escamoteia as mazelas sociais dessas camadas sociais. Na real, não há



glamour na pobreza e na fome. Trata-se de questões sociais sérias que merecem urgentes soluções.

A bipolaridade esquizofrênica é, por exemplo, apresentar na produção ficcional, um mundo folhetinesco, em que os negros e pobres são bons e honestos, em que se faz uma idealização, quase uma santificação da pobreza feliz. Aí, a mesma “emissora da ética e dos bons costumes premiados” faz editorial contra as cotas no Jornal Nacional, ou seja, contribui para barrar o os jovens negros na sua entrada urgente e imediata na Universidade. (BENTES, 2007, p. 2/3)

Apesar da predominância do discurso polarizado entre “bandidos” e “periferia legal” podemos perceber essa mudança no que tange nosso objeto de pesquisa, no caso a telenovela *Vidas Opostas*, pois aqui a comunidade é configurada buscando ao máximo suas identificação com a realidade, podemos observar que há o crime e a violência assim como há os moradores que tentam sobreviver em meio a esses conflitos.

Para Sá Barreto (2006) não se estabelece um contrato ou um acordo entre emissor e receptor, ocorre que o emissor lança uma proposta de leitura de determinado texto supondo o entendimento do receptor (previamente imaginado pelo emissor), mas não se estabelece uma *obrigação* na relação produção e recepção.

Em texto de Jost (2004) que trata da comunicação televisual, o autor mostra algumas teorias relacionadas a como se estabeleceria um contrato. Uma visão semiótica de contrato fala que “Em televisão, pode-se definir a noção de contrato como um acordo graças ao qual emissor e receptor reconhecem que se comunicam e o fazem por razões compartilhadas.” (Jost, 2004, p.9). Assim como essa proposta várias outras são apresentadas pelo autor, como a de Verón que fala de um contrato dentro do texto, ou seja, uma relação entre dois seres virtuais que se inserem nesse texto. Outra proposta é uma visão sociológica do conceito de contrato que sugere que há o estabelecimento de um vínculo entre públicos e programas.

Em relação à televisão Jost (2004) esclarece que existiriam dois contratos, um de credibilidade e outro de captação. Neste caso, a credibilidade que a emissora transmite ao telespectador ocasionaria a captação do que lhes é transmitido. Através dessa análise é possível compreender melhor como televisão e telespectador se relacionam estabelecendo uma espécie de pacto simbólico como propõe Sá Barreto (2006).



Thompson (2002) coloca a questão das novas formas de interação que o desenvolvimento dos meios de comunicação cria. O autor classifica a interação em três tipos: A interação face a face, a interação mediada e a quase interação mediada. Esta última corresponde a que tratamos em nossa pesquisa. Para o autor, nesta interação, o fluxo de comunicação ocorre em um único sentido, sendo então um fluxo monológico. Sá Barreto (2009) questiona o sentido monológico da interação televisiva, pois para a autora, é possível haver uma dialogia simbólica, ao menos no texto. Noutras palavras, pode-se dizer que existe uma relação entre emissor e receptor no texto televisivo.

### **A Portelinha e o Torto**

Para compreender como a TV Globo e a TV Record constroem propostas de pactos simbólicos, configuram e produzem sentidos de comunidades periféricas nas telenovelas *Duas Caras* e *Vidas Opostas* respectivamente, foram e continuam sendo feitas, não obstante o fato de a pesquisa está em andamento, observações sistemáticas dos capítulos da telenovela *Duas Caras* os quais foram obtidos na íntegra assim como cenas da telenovela *Vidas Opostas* que apesar de não termos encontrado disponíveis seus capítulos na íntegra, através do site Youtube foi possível encontrar um material significativo desta telenovela, viabilizando uma análise comparativa o que enriquece a pesquisa.

Além da obtenção e análise do empírico da pesquisa, a leitura de conteúdos programáticos referentes ao objeto de estudo em questão foi de importância fundamental para que nos familiarizássemos com a pesquisa e todo o universo conceitual presente nesta. A internet em especial mostrou-se grande aliada neste processo, tendo em vista que por meio desta pudemos ampliar nossos conhecimentos sobre temas relacionados à pesquisa, assim como sobre autores da área de comunicação. Toda essa abundância teórica se deve ao contexto atual da pesquisa que relaciona tecnologia televisiva e sociabilidades.

Em *Duas Caras* há uma periferia que muito se assemelha as definições de comunidade propostas por autores como Bauman (2003). A segurança é um dos aspectos tratados por este autor como sendo algo sempre buscado pelos moradores das comunidades. Essa segurança encontra-se no caso da *Portelinha* revelada na figura do personagem Juvenal Antena (Antônio Fagundes), que protege a comunidade da *Portelinha* como uma espécie de “Pai dos pobres”. Porém, de acordo com Bauman a



obtenção da tão sonhada segurança tem o preço da liberdade. A forma com que o líder Juvenal Antena comanda a favela da Portelinha proporciona a segurança que seus moradores necessitam, mas a liberdade apenas é concedida aos que vivem e cumprem as regras impostas pelo líder. Já o que percebemos na telenovela *Vidas Opostas* é que nem um valor nem outro são possíveis aos moradores do Torto, visto que os moradores vivem sob a “proteção” de um bandido perigoso.

Não ter comunidade significa não ter proteção; alcançar a comunidade, se isto ocorrer, poderá em breve significar perder a liberdade. A segurança e a liberdade são dois valores igualmente preciosos e desejados que podem ser bem ou mal equilibrados, mas nunca inteiramente ajustados e sem atrito. De qualquer modo, nenhuma receita foi inventada até hoje para esse ajuste. O problema é que a receita a partir da qual as “comunidades existentes” foram feitas torna a contradição entre segurança e liberdade mais visíveis e mais difíceis de consertar. (BAUMAN, 2003, p. 10)

Em ambas as telenovelas, há características reais de comunidades, tais como busca pelo comum, necessidade de pertencimento, comunhão, entre outros, que podem ser observados, assim como aspectos fictícios, o que caracteriza a mistura do real e do fictício das telenovelas. Obviamente que não houve em nenhuma telenovela o retrato fiel da comunidade periférica, isso é impossível, e nem é esse o propósito delas, mas sim trazer um tema atual e social para um meio como a televisão e envolver os telespectadores para quem sabe despertar um olhar mais crítico em relação a esse contexto social.

O discurso utilizado nas telenovelas analisadas nos remete a Bentes (2007) e sua idéia de discurso contraditório da TV em relação à periferia, principalmente no que se refere ao discurso das telenovelas no qual a periferia é configurada como sendo a “periferia legal”, em que o pobre é visto como sendo sempre bonzinho. Esse discurso para a autora pode passar a idéia de que “puxa, é legal ser pobre”, o que de início poderia se assemelhar com a configuração da periferia na novela *Duas Caras*, no caso da favela da Portelinha, que passa a idéia de periferia exemplo, ideal para se viver, já que são poucos os momentos da telenovela em que aparecem atos violentos, correntes em



uma periferia real. Porém deve se atentar para esse tipo de discurso esteotipado da periferia para que não haja uma idealização da pobreza.

Na comunidade do Torto da telenovela *Vidas Opostas* existe uma configuração de periferia conflitante que caracteriza uma comunidade segundo Sodré (2001), pois, os moradores da comunidade vivem em meio à criminalidade, a violência, a insegurança. O ambiente hostil em que vivem repercute no fato da população buscar uma unidade, um maior sentimento de comunhão no intuito de protegerem um ao outro, o que para eles representa sua sobrevivência. Percebemos então relação com o que fala Sodré (2001) sobre a necessidade do atrito em um ambiente em que existe vínculo. Na comunidade isso favorece as pessoas se voltarem umas para as outras em um sentimento de comunhão.

O personagem Juvenal Antena, interpretado pelo ator Antônio Fagundes, é algo que merece atenção nas análises. O personagem além de ser o líder e criador da favela da Portelinha é também quem melhor representa a simbologia que a telenovela tenta passar. O líder se mostra como “o pai dos pobres”, aquele que sabe dá, mas que também sabe tirar quando necessário. Os moradores procuram seu líder para resolverem os problemas relevantes até problemas pessoais, como brigas de casal, entre outros. É ele quem manda na comunidade, ele oferece a segurança em troca de obediência e fidelidade dos moradores. Juvenal Antena é o típico homem grosseiro, mas de bom coração, aquele que enfrenta qualquer um que queira ameaçar aquilo que ele conquistou, que é a favela exemplo do Rio de Janeiro, a Portelinha.

Quando partimos para a análise do personagem Jackson, vivido pelo ator Heitor Martinez, encontramos o outro lado da moeda. O personagem é um traficante que após a morte do irmão e da fuga da prisão resolve invadir e tomar conta da comunidade do Torto, antes comandada pelo irmão morto. Jackson é o retrato do bandido cruel que mata qualquer um que descumpra suas ordens. A postura fria e cruel de Jackson acaba ficando enfraquecida quando ele se apaixona por Joana, personagem interpretada por Maytê Piragibe, uma moradora da comunidade e ex namorado do irmão de Jackson, que aceita namorar o traficante na tentativa de tentar contê-lo e ajudar sua comunidade a se livrar da situação em que vivem.

A dominação dos bandidos, os tiroteios constantes, a crueldade do bandido Jackson, a incerteza de suas vidas, a falta de liberdade e de segurança e o sentimento de abandono, são alguns dos motivos que fazem com que os moradores da Comunidade do Torto da telenovela *Vidas Opostas* se unam na busca de suas sobrevivências e na



esperança de melhores condições de vida. De acordo com entrevista cedida à revista ISTOÉ Gente em 09/04/2007 o autor da telenovela, Marcílio Moraes fala sobre o motivo do sucesso da telenovela e afirma que:

O que chamou a atenção do público foi incorporar a favela ao universo ficcional, uma coisa que não faziam. É a questão da estética da exclusão. A economia exclui, a teledramaturgia também. Ao invés de fazermos aquele pobre folclórico, mostramos o pobre que vive realmente nas favelas. (MORAES, Marcílio, 2007, p. 1).

A idéia de pertencimento expressa por Silverstone (2002) se configura na favela da Portelinha de maneira oposta a da favela do Torto. O que observamos é uma comunidade unida com a certeza da segurança e com a idéia ilusória, de certa forma, de liberdade proporcionada pelo seu líder Juvenal Antena. O que mais se vê na favela é a harmonia na qual vivem os moradores livres da violência e do crime. Se tomarmos como exemplo o que fala o autor da novela Vidas Opostas, em citação anterior, podemos perceber a diferença, pois o que um autor não quis tratar em sua periferia fictícia, no caso “o pobre folclórico” é observado na periferia de Duas Caras.

Percebemos uma necessidade de pertencer. E precisamos restabelecer a certeza de que realmente pertencemos. Construimos idéias do que é essa coisa à qual pertencemos, e a definimos e a compreendemos nas imagens que temos dela ou nas que nos são oferecidas. Precisamos constantemente de que nos lembrem, nos reassegurem de que nosso sentimento de pertencimento e nosso envolvimento valem à pena. (SILVERSTONE, 2002, p.181)

Sentimentos tais como a busca pelo conjunto, pela união, o desejo de pertencer, podem ser observados em comunidades tanto reais quanto nas ficcionais. Isto pode ser observado nas duas telenovelas em suas configurações da periferia. Em ambas as telenovelas, vemos nos núcleos que compõe a periferia, o núcleo das camadas menos favorecidas, a união, a identificação existente entre os personagens que compõe a favela, as características de cada um que os tornam pertencentes aquele lugar.



## Referências

ANDRADE, Danúbia. **As Histórias que a telenovela nos conta**: do deslocamento do cotidiano à multiplicação da experiência. Disponível em:

<http://www.tvereadidade.facom.ufba.br/coloquio%20textos/Danubia%20Andrade.pdf>

Acesso em: 16 de Abril de 2010.

BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2003.

BENTES, Ivana. **O contraditório discurso da TV sobre a Periferia**. Entrevista cedida a Agencia Brasil de Fato, 2007. Disponível em:

<http://www.brasildefato.com.br/v01/agencia/entrevistas/a-periferia-como-convem>

Acesso em 10/01/2010.

JOST, François. **Seis lições sobre televisão**. Porto Alegre: Sulinas, 2004.

MORAES, Marcílio. **“Bater a Globo é um marco”**. Entrevista cedida a Revista ISTOÉ Gente, 2007. Disponível em:

<http://www.terra.com.br/istoegente/397/entrevista/index.htm>

Acesso em 24/04/2010.

MOTTER, M. L. in LOPES, M. L. V. (org.) **Telenovela: Internacionalização e Interculturalidade**. São Paulo: Loyola, 2004.

SÁ BARRETO, Carmem Virgínia Montenegro. **Comunidades Midiáticas e Culturas: as inter-relações dialógicas na produção dos telejornais da Globo NETV e Jornal do Almoço**. PGCOM/UNISINOS. São Leopoldo/RS, 2006. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). São Leopoldo/RS, 2006. 320p.

\_\_\_\_\_. **Culturas televisivas e sociabilidades: configurações, pactos e sentidos de comunidades periféricas na TV**. Culturas midiáticas/Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, UFPB, 2009.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.

SODRÉ, Muniz. **O objeto da comunicação é a vinculação social**. Entrevista cedida a PCLA, 2001. Disponível em:

<http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista9/entrevista%209-1.htm>

Acesso em 19/03/2010

THOMPSON, J.B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VERÓN, E. **A produção de sentido**. São Paulo: Cultrix: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1980.

